

CEP – CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2ª Semestre de 2014.

Ciclo II

Aula- quinta-feira de manhã

Aluna: Tânia Nigri

**Título: COMO FICA QUANDO ACABA – UMA ABORDAGEM
PSICANALÍTICA SOBRE AS SEPARAÇÕES AMOROSAS.**

“Transforma-se o amador na cousa amada, Por virtude do muito
imaginar; Não tenho, logo, mais que desejar, Pois em mim tenho
a parte desejada” (Luís de Camões).

A temática do amor é recorrente e há séculos vem sendo interpretada, significada e ressignificada – pela literatura, pelas religiões, pela filosofia. Platão o definia como a completude e falta, Jacques-Alain Miller sustenta que ao amar, a pessoa acredita que alcançará uma verdade sobre si, enquanto Sigmund Freud profetizava que precisamos amar para não adoecer¹.

Antes de se adentrar o amor propriamente dito, a Psicanálise buscou definir a pulsão, conceito bastante difícil e não unânime entre os teóricos, mas fundamental para entender o lugar que o amor ocupa na vida dos homens. A pulsão estaria localizada na fronteira entre o mental e o somático - como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Diferentemente do instinto animal, a pulsão possui uma plasticidade em relação ao seu objeto, além de se caracterizar por possuir uma pressão, uma meta e uma fonte, sendo uma representação psíquica complexa. Em 1920 Freud amplia essa compreensão, passando a definí-la como algo anterior a representação psíquica das estimulações somáticas, que objetiva rebaixar completamente as tensões e por isso conduziria o organismo ao estado anterior à vida, ao inorgânico.

¹ "*Lieben und arbeiten*" – Freud afirmava que a saúde mental reside na capacidade de amar e trabalhar: O amor nos mantém investidos libidinalmente, o trabalho nos dá um lugar no tecido social, pois transcende a necessidade de sobrevivência, fazendo de nós agentes transformadores da sociedade na qual estamos inseridos.

Há uma belíssima metáfora na mitologia que nos faz melhor compreender a amálgama entre as pulsões. No mito grego, Eros é deus do amor e *Thanatos*, o deus da morte. Eros, o mais belo dos deuses, possui arco e flecha com os quais enlaça de amor homens, mulheres e deuses. Certo dia, ao adormecer numa caverna, embriagado por Hipno (deus do sono, irmão de *Thanatos*), suas flechas se espalharam, misturando-se às flechas da morte. Ao acordar, recolheu-as, levando, sem querer, algumas que pertenciam a *Thanatos*, passando, assim, a portar flechas de amor e morte².

André Green compreende Eros por meio da noção de corrente erótica, que tem o seu momento originário na pulsionalidade, estende-se nas manifestações de prazer-desprazer, expande-se no movimento de expectativa e busca de objeto, organiza-se sob a forma de fantasias inconscientes e conscientes e enraíza-se no campo das sublimações. Ampliando um pouco mais essa reflexão, Freud situava a libido como manifestação da sexualidade na vida psíquica, representação das pulsões de vida nas dinâmicas da função sexual. Eros e libido também aparecem, na maioria das vezes, como sinônimos: libido é a energia total disponível de Eros.

Partindo dessa constatação e da teoria freudiana dos instintos, pode-se concluir, na esteira de Herbert Marcuse, que a história do homem é também a história de sua repressão, pois, desde o estabelecimento da civilização, a vida humana passou a ser mediada por um conflito permanente entre dois polos: Eros, que representa a vida e os instintos sexuais, e é

² MEGANE RODRIGUES, Samara. **Eros e Tânatos: nossas porções de vida e morte** in <http://www.rodadepsicanalise.com.br/2013/11/eros-e-tanatos-nossas-porcoes-de-vida-html>

governado pelo princípio do prazer, que impulsiona o ser humano na superação da repressão para obter satisfação e desfrutar de atividades lúdicas; e *Thanatos*, que representa a morte e os instintos de autopreservação, e é regido pelo princípio da realidade, que leva o ser humano a adiar o prazer, buscar a segurança e desempenhar atividades produtivas. Em *Eros e Civilização*, o filósofo se dedica ao estudo do mito de Narciso, verdadeiro símbolo do hedonismo, que direciona seu amor a si mesmo, desprezando a afeição alheia, buscando toda admiração possível e obtendo dela seu próprio prazer. Por causar paixões as quais se mostrava completamente insensível, Narciso foi castigado por Afrodite: apaixonou-se pela própria imagem refletida em um lago, renunciando à vida afogando-se em suas águas³.

Em seu ensaio *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* e no caso Schreber, Freud avaliou o narcisismo como um estágio normal da evolução sexual, mas somente a partir do “Sobre o narcisismo: uma introdução”, é que ele passou a ocupar importante lugar na teoria do desenvolvimento sexual, com a ideia do narcisismo primário infantil, que seria a escolha da criança por si como objeto de amor, num momento precedente àquele em que se voltará a objetos externos. É importante notar que as escolhas amorosas da vida adulta seriam uma atualização dessa relação primária com as figuras parentais - a busca pelo objeto de amor representaria

³ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização** apud **PENSATA – EROS E NARCISISMO NAS ORGANIZAÇÕES** Ana Paula Paes de Paula disponível in <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v2n2/v2n2a08>.

uma tentativa de recuperação do narcisismo infantil, o retorno à sensação ilusória de completude vivenciada em sua relação primitiva com seu cuidador⁴.

O ser humano, para o pai da Psicanálise, teria originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a figura materna – o outro funcionaria como objeto complementar ao narcisismo do indivíduo. A paixão, portanto, se classificaria como uma doença narcísica, onde o sujeito buscaria sua completude através de um objeto idealizado.

Na primeira fase da criança, geralmente nos cinco primeiros anos de vida, as pulsões sexuais são unificadas, se satisfazendo em uma das figuras parentais, que constitui o seu primeiro objeto de amor⁵. O recalque,

⁴Freud aborda a questão da escolha amorosa, já na vida adulta, através da escolha de objeto. Para ele haveriam duas possibilidades de escolha objetal: tipo anaclítico ou tipo narcisista.

A escolha objetal anaclítica ou de ligação, corresponderia a escolha relacionada aos amores paternos ou maternos imaginários, ela estaria relacionada com a mulher que alimenta, ao homem que protege e a sequência de substitutos que ocupam seu lugar e esse tipo de escolha objetal seria característica de homens, apresentando uma supervalorização sexual que se origina do narcisismo original da criança e se transfere para o objeto.

A escolha objetal do tipo narcísica prevaleceria nos indivíduos do sexo feminino, uma vez que com o amadurecimento dos órgãos na puberdade, o narcisismo primário é intensificado. No caso das mulheres mais belas, o narcisismo seria aumentado, estabelecendo-se uma verdadeira escolha objetal acompanhada de uma supervalorização sexual do objeto. Freud ressalta que, a necessidade destas mulheres aponta não no sentido de amar, mas de serem amadas.

Freud enfatiza, entretanto, que a preferência por um tipo de escolha objetal não exclui a possibilidade de a outra se manifestar. Ambas podem se apresentar, embora possa haver uma predominância de um ou de outro tipo. (PAULA FERREIRA, Elen. **A SEPARAÇÃO AMOROSA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA** in <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/15/p&brev15ferreira.pdf>)

⁵ “No início, a criança só gosta da saciedade, porque ela aplaca a fome que a tortura – depois acaba gostando também da mãe, esse objeto que lhe proporciona a saciedade. O primeiro

entretanto, entra em ação, fazendo com que ela seja obrigada a renunciar aos seus objetivos sexuais, que acaba modificando sua relação com seus pais.

As pulsões sexuais são inibidas em seus objetivos e preservadas no inconsciente, passando a criança a se relacionar com os pais por emoções afetuosas. A corrente afetiva é, portanto, espécie de sexualidade recalçada a dirigir-se aos pais, familiares ou aos cuidadores. Novos impulsos sexuais surgem na puberdade e essa corrente tende a investir e buscar satisfação através dos objetos da escolha infantil primária, entretanto esses impulsos esbarram no interdito do incesto, buscando, assim, investir em objetos estranhos com os quais seja lícito obter uma satisfação sexual. Esses novos objetos, então, constituem substitutos eleitos no modelo dos objetos primários.

Observa-se, com frequência, que a partir da puberdade o adolescente efetua uma síntese entre a corrente sensual e a corrente afetiva, e a sua relação com o objeto sexual se dá pela interação entre as pulsões desinibidas e as pulsões inibidas em seu objetivo⁶.

A interdição do incesto, fundante da perda do objeto primário faz com que todos os objetos posteriores eleitos sejam meros substitutos do objeto

amor objetual, o primeiro ódio objetual, constituem, portanto, a raiz, o modelo de toda transferência posterior, que não é, por conseguinte, uma característica da neurose, mas a exageração de um processo mental normal". (Ferenczi, Sándor. **Transferência e Introjeção** (1909). Obras Completas Psicanálise I, 2.ed, 2011, WMF Martins Fontes. São Paulo. Ferenczi, p.96)

⁶ O menino deixará (abandonará) o seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – e irá se aproximar de sua mulher; assim ficam conjugadas ternura e sensualidade. Os graus máximos de enamoramento sensual acarretarão a máxima estima psíquica, a supervalorização normal do objeto sexual. (Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade – Sigmund Freud - 1905).

original, não tendo, nenhum deles, o condão de satisfazer plenamente o sujeito, o que talvez explique 'a fome de estímulo' tão comum na vida amorosa dos adultos e a busca incessante pela completude através do amor.

É certo, também, que as exigências das pulsões sexuais são incompatíveis com as imposições da civilização. Freud assinalava que o homem não poderia evitar o sofrimento e as renúncias próprios do desenvolvimento cultural da sociedade, surgindo daí uma espécie de não-satisfação inerente à civilização, sendo certo, também, que acaso fosse possível à pulsão sexual alcançar satisfação plena, certamente o homem não distribuiria sua libido a realizações tão indispensáveis ao progresso da humanidade⁷.

Conforme dito anteriormente, as relações amorosas que travamos ao longo da vida adulta, buscam reproduzir as experiências vividas na infância e essa tentativa ilusória de buscar no objeto da paixão amorosa a completude narcísica anteriormente perdida é, para Freud, a mais importante característica da *Verliebtheit*⁸. O apaixonado quer a todo custo reconquistar o paraíso perdido de sua infância.

Antes mesmo de construir uma teoria da sexualidade infantil, Freud já havia aludido ao desamparo inicial do ser humano, onde ele se veria

⁷ FERREIRA GOMES MOURA, Danielle. **A Paixão Amorosa e a Fantasia**. "Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicanálise. "Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge. RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2007.

⁸ *Verliebtheit* é a terminologia usada por Freud para designar a paixão amorosa.

diante de diversas ameaças: 1) do próprio corpo - condenado à decadência e dissolução – 2) do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças esmagadoras e impiedosas; e finalmente, 3) de nossos relacionamentos com os outros homens⁹ - restando ao sujeito a tentativa de “gerir” esse mal estar, constituindo destinos eróticos e sublimatórios para a pulsão¹⁰.

A primeira etapa do processo de amor corresponde à sedução que uma pessoa provoca em nosso desejo e a segunda, a resposta que damos a essa sedução, quando nos apegamos e a incorporamos, fazendo dela, parte de nós. Posteriormente, cobrimos a pessoa com várias imagens sobrepostas de amor, ódio ou angústia e a fixamos de maneira inconsciente, através de várias representações simbólicas, ligadas a uma característica sua que nos marcou. Todas essas imagens e significantes que fazem essa ligação entre o amado a mim e o transforma em “duplo interno”, podem ser chamadas de fantasia¹¹.

A fantasia do amado tem a finalidade de impedir a satisfação plena do desejo, instalando a insatisfação e garantindo a estabilidade do aparelho inconsciente, sendo ela a protetora do caos pulsional, que ocasionaria uma agitação desmedida do desejo¹².

⁹ *O mal estar na civilização* – Sigmund Freud, 1930

¹⁰ BIRMAN, Joel. **O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social.** Physis, 2009. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103.

¹¹ NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

¹² Para Násio, a fantasia é o nome que damos a sutura inconsciente do sujeito com a pessoa viva do eleito. Essa sutura operada no inconsciente é uma liga de imagens e de significantes vivificada pela força real do desejo que o amado suscita em mim, e que eu suscito nele, e que nos une.

No início da fase de apaixonamento, alguns indivíduos passam a encarar o companheiro como imprescindível na luta contra o retorno de uma parte recalcada, fazendo com que o outro - objeto a ser possuído e controlado - transforme-se em traidor, caso consiga existir fora daquela relação.

A ruptura de uma relação amorosa, com todas as vicissitudes inerentes a esse momento, é percebida como ferida narcísica. Constatar que o ex-companheiro tem apresentado certa habilidade para gerir sua vida após a separação, é encarado, por alguns, como algo afrontoso, sobretudo por aqueles que depositam nas relações afetivas seus anseios fusionais¹³.

O término de um relacionamento amoroso¹⁴, apoiado na expectativa de debelar o desamparo, provoca intensa emoção e uma tentativa de manter um rígido controle sobre o outro, não reconhecido em sua alteridade. Quando o relacionamento se rompe, o trabalho necessário para recuperar o equilíbrio emocional e existencial requer um dispêndio de energia psíquica, e esse

¹³Freud utiliza a expressão “paixão amorosa” para uma emoção que domina o sujeito sem o controle da razão, podendo chegar ao excesso de uma transgressão ou de uma perversão. Já que a paixão encerra uma ilusão de completude, sua possível perda poderia conduzir a atos de diferentes graus de destrutividade. (Barros e Silva, M. H. 2002. *A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo: Escuta).

¹⁴ Em pesquisa realizada por Mariana Valença Marcondes, Michele Trierweiler e Roberto Moraes Cruz que visava investigar os sentimentos que predominam no término de relacionamentos amorosos, concluiu-se que há características quase universais dos estados psíquicos próprios desses momentos. A dor da separação é, com frequência, fisicamente sentida, sendo comuns as dores no peito e a sensação de peso, sufocamento e falta de ar, além da incapacidade de trabalhar efetivamente, má saúde, mudanças no peso, disfunção sexual, insônia e outros transtornos do sono.

dispêndio, não raramente, provoca enorme deterioração do sujeito, tal qual o luto. Caruso, em sua obra *A Separação dos Amantes: uma Fenomenologia da Morte*, afirma que estudar a separação amorosa importa em analisar a presença da morte na vida, como se houvesse um luto por um amor vivo.”¹⁵.

Quando os relacionamentos acabam, o que fica é um luto profundo, onde cessa o interesse pelo mundo externo, se perde a capacidade de substituir o objeto de amor e onde, não raramente, se experimenta um desejo de reparar a perda, destruindo o objeto até então, internalizado como “bom”.

Em sua obra "Luto e melancolia", o pai da Psicanálise professa ser indispensável o transcurso de um tempo determinado para que se elabore a perda e o ego se veja novamente apto a novas investidas libidinais. O desinvestimento amoroso sobre o ex-parceiro se faz com a recuperação das partes de si que foram projetadas no outro; e isso deve ser acompanhado por uma possibilidade de integração egóica de cada um dos envolvidos, destruindo a idealização do modelo fusional de relacionamento e direcionando a libido para novos objetos¹⁶.

¹⁵ CARUSO, I. **A Separação dos Amantes: uma Fenomenologia da Morte**. São Paulo: Cortez, 1981.

¹⁶ LEVY, Lidia e GOMES, Isabel Cristina. **Relações amorosas: rupturas e elaborações**. *Tempo psicanal.* [online]. 2011, vol.43, n.1, pp. 45-57. ISSN 0101-4838.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barros e Silva, M. H. 2002. ***A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas***. São Paulo: Escuta

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social**. Physis, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312005000300010&lng=en&nrm=iso>. acesso on03 Abril, 2009. doi:10.1590/S0103-73312005000300010.

CARUSO, I. **A Separação dos Amantes: uma Fenomenologia da Morte**. São Paulo: Cortez, 1981.

FERREIRA GOMES MOURA, Danielle. **A Paixão Amorosa e a Fantasia**. “Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicanálise. ”Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge. RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2007.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, 1905.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização, 1930.

¹ LEVY, Lidia e GOMES, Isabel Cristina. **Relações amorosas: rupturas e elaborações**. *Tempo psicanal*. [online]. 2011, vol.43, n.1, pp. 45-57. ISSN 0101-4838.

MARCUSE, **Herbert. Eros e Civilização** apud PENSATA – EROS E NARCISISMO NAS ORGANIZAÇÕES Ana Paula Paes de Paula disponível *in* <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v2n2/v2n2a08>.

MEGANE RODRIGUES, Samara. **Eros e Tântatos: nossas porções de vida e morte**_in <http://www.rodadepsicanalise.com.br/2013/11/eros-e-tanatos-nossas-porcoes-de-vida-html>

NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.